

Conceito da série ATLANTIS

Há cerca de 2,5 mil anos, Platão escreveu sobre um império insular fabuloso situado no extremo ocidente. Deu-lhe o nome de Atlântida. Desde então, filósofos e exploradores debateram a sua veracidade, suscitando muitas teorias, e assim a Atlântida, imortalizada por Platão, tem sido considerada por muitos apenas como uma lenda ou um mito.

Mas como segundo Fernando Pessoa, o “mytho é o nada que é tudo”, tudo permite uma conjuntura infundável de especulações sobre as histórias perdidas nesse tempo sem tempo, tão ainda próximo dos ecos primordiais.

De olhos vendados para com o tesouro que habita no nosso interior e que só nós conseguiremos desenterrar e também na envolvimento intenso no dia-a-dia esquecemo-nos de interiorizar, de pesquisar as nossas intrínsecas bibliotecas e memórias e assim alcançar mais conhecimento. A magia, e salvaguardando a etimologia da palavra de origem persa, não se deve perder mas sim revelar-se em nós numa dimensão subtil e espiritual, nomeadamente face às eternas questões que todos fazem: De onde venho? Que maravilhas transporto? Para onde vou?

Possuidora de uma autonomia desconcertante, onde tudo é plausível, a arte apresenta-se como essência libertadora das histórias e filosofias de vida e assim ATLANTIS parte numa demanda de cores, formas, códigos e mensagens ocultas, estabelecendo um paralelismo entre o mito da Atlântida, submersa nas profundezas do Atlântico, e as marcas impregnadas no património sagrado e espiritual português, em especial no seu riquíssimo megalitismo.

ATLANTIS conta cromaticamente histórias construídas e desconstruídas e intuídas junto ou no mar que já foi chão dos naufragos ou emigrantes atlantes e que terão alcançado as praias do ocidente da Península Ibérica. Com as suas memórias ancestrais e a partir das ruínas de uma civilização perdida, eles podem ter feito surgir uma nova civilização no Ocidente.

Com um universo iconográfico abrangente as pinturas são, na sua maioria, realizadas in loco, em locais com interesse arqueológico, com vestígios de épocas Pré-históricas, com monumentos megalíticos, pintura rupestre, fósseis e locais de culto da Deusa-Mãe, da Lua e do Sol. Lugares sagrados de exímia beleza natural simplesmente ou então lugares onde as marcas do Homem, ora por chamamento, ora por encantamento, se erguerem com perenidade na sua comunhão com a Natureza e com o Cosmos. Lugares portadores de um espírito próprio que converge para quem as culta em criatividade e permitem surgirem imagens mágicas. Em simultâneo com as viagens ou peregrinações aos referidos locais Pré-históricos, houve um estudo e pesquisa dos temas destacados neste projeto.

Mensagens ousadas ou simplesmente sonhadas que, como artista, me conduzem a uma harmoniosa simbiose entre o mundo fantástico e o meu eu, como um ser integrante deste pequeno pedaço de terra repleto de luz – lux – referido por Estrabão, no mundo antigo como *Ab coelitis patriae*, de pátria ou origem celeste.

Maria De Fátima Silva